



Comunicação e Literatura: a representação da identidade em Budapeste¹

Sofia SILVA²

Marcelo ROCHA³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

O presente artigo visa esclarecer a formação de identidade regional e nacional considerando a diferença entre os indivíduos de culturas distantes a partir da linguagem. O artigo assume como objeto de análise o livro romance Budapeste escrito por Chico Buarque e publicado pela editora Companhia das Letras em 2003, para apresentar os exemplos do preconceito linguístico como resultado dessa diferença cultural, a surpresa diante de uma cultura diferente e por último a necessidade existencial de buscar o seu idioma como forma de afirmação de sua identidade.

Palavra-chave: identidade linguística; diferença; preconceito linguístico; Budapeste; Chico Buarque.

Introdução

A linguagem é usada não somente para comunicar, com toda a bagagem cultural que o ato de falar concentra como também configura um diferencial de identidade. Cada idioma desdobra-se como um organismo vivo na boca do falante, essa característica não é exclusividade da Língua Portuguesa, já que apenas uma língua morta, tal como o latim, é imune as alterações que o uso latente da língua é possível de gerar.

Há a língua regional: o sul, o norte, na capital, no interior, em todo país sempre existe uma diferença de sotaque e expressões e a partir do contexto histórico que o Brasil pertence tal como: a miscigenação de culturas, a indígena, a europeia e africana, o nascimento de um língua híbrida, composta por vocabulários advindos de outras nacionalidades é apenas um processo natural.

Aplicando um *zoom* ainda maior dentro de uma região é notável que em um mesmo lugar ainda exista variantes linguísticas derivadas: da idade – idoso ou jovem com seus ditados populares e gírias; da instrução educacional entre outras. Um idioma

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIPAMPA, email: sofs.silva@hotmail.com

³ Marcelo Rocha é professor adjunto da Universidade Federal do Pampa. Mestre e Doutor em Teoria Literária (PUCRS) é autor de diversos livros e artigos cujas temáticas de interesse são: ideologia, literatura, cultura e textos de mídia. e-mail: marcelorocha@unipampa.edu.br



que não se transforma não está vivo e é uma língua morta, por isso mutações são naturais e esperadas para uma reciclagem lingüística, que configuram, também, identidades diferentes.

Diferença

A ideia de uma unidade lingüística no Português brasileiro segundo Bagno é um dos mais básicos mitos que reforçam o preconceito lingüístico. Embora, teoricamente todos aprendam a Língua Portuguesa, na prática esse português advém de peculiaridades.

(...) alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, mas principalmente por causa da trágica injustiça social (...). São essas graves diferenças de status social que explicam a existência de um abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão (...) (BAGNO, 2007, p.16)

A diferença lingüística, a partir de Bagno, é definida por dois fatores predominantes: o regionalismo lingüístico – considerando o país-continente, que é o Brasil e o status social reflexo da Educação em um contexto social desenhado com desigualdade.

Esclarecendo melhor o segundo fator Maurizio Gnerre em seu livro “Linguagem, Escrita e Poder” diz justamente sobre essa relação sociolingüística:

(...)nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades e muito menos a todos os conteúdos referenciais. Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade "cultura" ou "padrão", considerada geralmente "a língua", e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um "corpus" definido de valores, fixados na tradição escrita. Uma variedade lingüística "vale" o que "valem" na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. (GNERRE, 1991)

Depois que se toma nota do contexto de injustiça social é notável porque isso se configura como uma face da diversidade lingüística que, em uma não muito distante análise, gera o preconceito lingüístico.



Contudo, ainda falta o regionalismo geográfico como fator de diversidade da língua, sendo assim, o território demarca os costumes: culinários, de vestimentas, musical e, claro, os linguísticos, ressaltando que esses são apenas alguns exemplos de manifestações culturais.

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições. A marcação da diferença é, assim, o componente chave em qualquer sistema de classificação. (WOODWARD, 2007)

Vemos no Brasil, o país-continente, com suas regiões, cada uma com o seu clima e populações de origens, seguindo cada qual com suas influências, o seu perfil específico, ou seja, formando as suas fronteiras - ambientes de vasta biodiversidade cultural – e conseqüentemente suas identidades.

O preconceito pega carona nessa biodiversidade cultural, pois é possível encontrar atitudes debochadas por causa dos sotaques, fonemas e até mesmo o que, para um lado, demonstra a riqueza de um idioma vivo, que está em constante crescimento, por outro lado vê-se o quão o preconceito pode ser fruto da desconsideração nacional.

O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que serve exclusivamente da língua-padrão. (...) a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. (BAGNO apud GNERRE, 2007, p.16)

Como Maurizio Gnerre diz quando citado por Bagno, há um preconceito que já está enraizado nas estruturas funcionais por um texto escrito, como o da Constituição. O preconceito linguístico significa a negligência para com as identidades, e as diferenças que as fertilizam insignificando, dessa forma, a biodiversidade linguística natural de um idioma vivo.



O objeto e a Identidade Linguística

O objeto de estudo é o livro *Budapeste* escrito por Chico Buarque e publicado em 2003 pela editora Companhia das Letras, o enredo conta a história de José Costa um escritor *ghost-writer*, pessoa especialista em escrever cartas, artigos, discursos ou livros para terceiros, sob a condição de permanecer anônimo. Costa escreve os textos na Cunha & Costa Agência Cultural, firma em que é sócio com o seu amigo de faculdade Álvaro Cunha.

Na volta de um congresso de autores anônimos, Costa é obrigado a fazer uma escala imprevista na cidade título do romance, o que desencadeia uma série de eventos que constituem o centro da trama: casado com a apresentadora de *telejornais* Vanda, Costa conhece Kriska na *Hungria*, e com quem aprende *húngaro*. Entre as diversas idas e vindas entre *Budapeste* e o *Rio de Janeiro*, a trama se alterna entre o seu enfeitiçamento pela língua húngara, o seu fascínio em ver seus escritos publicados por outros, o seu envolvimento amoroso com Vanda e Kriska e outras situações que serão vistas pelo artigo, como o preconceito e a afirmação de sua identidade brasileira via Língua Portuguesa.

(...) o homem constitui-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar. Como falante, o homem é desde sempre sujeito, submetido ao simbólico, a uma ordem significante; ao nascer já encontramos uma língua estruturada e em funcionamento, que significa o mundo e nos significa, que nos captura e enreda em sua ordem onde o lingüístico e o não lingüístico se articulam de forma determinada histórica e inconscientemente. Neste sentido, não é possível quantificar ou qualificar o sujeito enquanto posição enunciativa. Para dizer, o sujeito submete-se à língua, é afetado pelo acontecimento do objeto simbólico língua. O sujeito está condenado, pois, a significar. (SILVA, 2003, p.1-2)

“Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” (WOODWARD, 2007, p.8). Dessa forma, expressar-se verbalmente é pronunciar, por vezes, a sua cultura. Essa é uma das importâncias que a língua possui para a definição cultural da identidade de um indivíduo.

Quando culturas diferentes entram em choque o preconceito se manifesta de formas engraçadas ou não, como exemplo há uma passagem do livro *Budapeste* de



Chico Buarque em que a personagem José Costa narra um episódio do processo de adaptação linguística para com o húngaro:

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. (BUARQUE,2003, p.1)

José Costa também passa pelo choque de um primeiro contato com uma língua diferente, uma cultura não semelhante a sua:

(...) enterrava os dez dedos no repolho, e agora meus ombros se retesavam não pelo que eu via, mas no afã de captar ao menos uma palavra. Palavra? Sem a mínima noção do aspecto, da estrutura, do corpo mesmo das palavras, eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia. Era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro. E o avião reapareceu na pista, numa imagem distante, escura, estática, que salientava mais ainda a voz masculina da locução em off. A notícia do avião já pouco me importava, o mistério do avião era ofuscado pelo mistério do idioma que dava a notícia. Vinha eu escutando aqueles sons amalgamados, quando de repente detectei a palavra clandestina, Lufthansa. Sim, Lufthansa, com certeza o locutor a deixara escapar, a palavra alemã infiltrada na parede de palavras húngaras, a brecha que me permitiria destrinchar todo o vocabulário. Ao jornal sucedeu uma mesa-redonda cujos participantes pareciam não se entender, depois um documentário sobre o fundo do mar, com peixes transparentes, e às 8 duas em ponto retornou minha amiga maquilada, que envelhecia de hora em hora. Meteorologia, Parlamento, bolsa de valores, estudantes na rua, shopping center, camponesa com repolho, meu avião, e já me arriscava a reproduzir alguns fonemas a partir de Lufthansa. Aí entrou na tela uma moça de xale vermelho e coque negro, ameaçou falar espanhol, zapeei no susto. Caí num canal em inglês, mais um, outro, um canal alemão, um italiano, e de volta à entrevista com a dançarina andaluza. Cortei o som, me fixei nas legendas, e observando em letras pela primeira vez palavras húngaras, tive



a impressão de ver seus esqueletos: ö az álom elötti talajon táncol. Às seis da manhã, quando o telefone deu o despertar, eu estava sentado na ponta da cama. Logo recitaria em uníssono com o locutor a notícia do avião, uns bons vinte segundos de húngaro. (BUARQUE, 2003)

Após situações como essas acima de deboches preconceituosos e surpresa com a língua diferente, José Costa descobre uma necessidade existencial de praticar o seu próprio idioma e degusta do vocabulário não praticado por alguns meses:

(...) meio sem querer liguei para o Rio: oi, é Vanda, no momento não posso atender, deixe sua mensagem depois do sinal. Religuei em seguida, porque a Vanda não abandonaria o menino à noite: oi, é a Vanda, no momento não posso atender... Tornei a ligar e a ligar e a ligar, até perceber que ligava pelo gosto de escutar minha língua materna: oi, é a Vanda... Aí me veio o capricho de deixar uma mensagem depois do sinal, porque havia três meses, ou quatro ou mais, que eu tampouco falava a minha língua: oi, é o José. Havia um eco na ligação, é o José, dando-me a impressão de que as palavras estavam desgarradas da minha boca, Vanda, Vanda, Vanda, Vanda. E comecei a abusar daquilo, e falei Pão de Açúcar, falei marimbondo, bagunça adstringência, Guanabara, falei palavras ao acaso, somente para ouvi-las de volta. Não exagerava Kriska, quando me recomendou evitar outros idiomas durante o período letivo. Depois de uma noite a falar a minha língua e a sonhar que Kriska falava português, me vi sem embocadura para o húngaro, feito músico soprando um instrumento em falso. (BUARQUE, 2003)

Dessa forma, entendemos com WOODWARD a simbologia no simples ato de José Costa em pronunciar palavras da língua portuguesa:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, nos posicionado como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2007, apud GLEDHILL, 1997; NIXON, 1997, p.17)



Considerações finais

A partir da análise do objeto se conclui que a biodiversidade linguística nada mais é que um processo natural de um organismo vivo – a língua, e que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” (WOODWARD, 2007, p.39). Diferença que sempre ocorrerá por meio de um sistema que configura o catálogo das identidades regionais ou nacionais e, ainda, que a simples negligência a essas diferenças gera preconceito cultural tal como o tratado nesse artigo – o linguístico.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. Mito nº 01 “**A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente**”. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2003.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem Escrita e Poder**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991.

SILVA, Mariza. **Linguagem, sociedade e mídia**. Disponível em <<http://docs.google.com>> acessado em 01 Dez. 2010.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. *In.* SILVA, T. T. (Org.).